



A CRIAÇÃO DE UM PROJETO DE PRESERVAÇÃO AUDIOVISUAL PARA O ACERVO DE FILMES UNIVERSITÁRIOS DA PUC MINAS

The creation of an audiovisual preservation project for the collection of university films at PUC Minas

PEDRO VAZ PEREZ¹

Resumo

O artigo apresenta os resultados iniciais do projeto de preservação do acervo audiovisual analógico da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), desenvolvido pelo Laboratório Universitário de Preservação de Arquivos e Acervos Audiovisuais (Lunar). A iniciativa envolve revisão, catalogação, conservação e pesquisa historiográfica de filmes universitários produzidos desde os anos 1960, visando preservar, digitalizar e dar acesso a um patrimônio da memória audiovisual do país.

Palavras-chave

Preservação audiovisual. Filme universitário. Cinema em Belo Horizonte. Ciclo mineiro de cinema.

Abstract

This article presents the initial results of the project to preserve the analog audiovisual collection of Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), developed by the University Laboratory for the Preservation of Audiovisual Archives and Collections (Lunar). The initiative involves review, cataloging, conservation, and historiographical research of university films produced since the 1960s, aiming to preserve, digitize, and provide access to a heritage of Brazilian audiovisual memory.

¹ Professor Adjunto I da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Doutor em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal Fluminense (UFF).



Keywords

Audiovisual preservation. University film. Cinema in Belo Horizonte. Minas Gerais film cycle.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva apresentar os resultados iniciais da implantação do Laboratório Universitário de Preservação de Arquivos e Acervos Audiovisuais (Lunar) da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), que se debruça sobre o acervo analógico da instituição². Trata-se de um conjunto heterogêneo de filmes acumulados desde a década de 1960, em função da implantação da Escola Superior de Cinema (ESC), a primeira graduação universitária do campo no país. O acervo é composto por películas em Super 8, 16mm e 35mm, até então guardadas em condições inadequadas para a preservação da película cinematográfica.

Esta iniciativa teve início no segundo semestre de 2023, quando um pequeno grupo de professores e alunos do curso de Cinema e Audiovisual da Faculdade de Comunicação e Artes (FCA) da PUC Minas realizou uma visita, no subsolo da Biblioteca da instituição, ao acervo de rolos e latas de películas. Nos corredores da Faculdade, sempre se falou sobre tal conjunto, mas pouquíssimas informações sobre seu conteúdo e estado de conservação estavam disponíveis. Diante das latas enferrujadas, emergiram as perguntas: o que fazer diante desses filmes? Podemos abrir as latas? Como manipular os filmes? Podemos projetá-los? Os filmes podem ser recuperados? Podem ser armazenados em outro espaço, e com outras condições? E, principalmente: o que trazem escondido nesses rolos? Começamos a pesquisar e a buscar parcerias e, diante do volume de material, soluções institucionais se fizeram necessárias, pois era visível que o estado de conservação dos filmes, apesar de variado, era preocupante. E que aquele histórico acervo merecia um pouco mais de atenção.

A partir daí, foi criado o Grupo de Pesquisa História e Preservação Audiovisual, e idealizado o 1º Ciclo de Preservação Audiovisual da PUC Minas, realizado em março de 2024 em parceria com o Laboratório de Preservação Audiovisual da Universidade Federal Fluminense (LUPA-UFF), e com o Museu da Imagem e do Som de Belo Horizonte (MIS-BH), contando com palestras e oficinas de revisão de filmes em mesa enroladeira. A ocasião também deu ensejo ao primeiro encontro regional da Rede

² A pesquisa é realizada com recursos do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Preservação e Restauração Audiovisual (INCT PreRes) e do Fundo de Incentivo à Pesquisa (FIP) da PUC Minas (edital 2026/35092).

Universitária de Acervos Audiovisuais (RUAAv). Como desdobramento destas relações, o Lunar, por meio do Grupo de Pesquisa, passou a integrar o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Preservação e Restauração do Audiovisual (INCT PreRes), aprovado pela Chamada Nº 46/2024 do CNPq, destinando recursos para a execução da pesquisa em rede com 11 universidades nacionais ao longo dos próximos quatro anos.

As pesquisas e articulações institucionais permitiram, ao longo destes dois anos, o planejamento de uma estrutura básica necessária para que pudesse ser desenvolvido um projeto de preservação, objetivando revisão, catalogação³, conservação adequada e um encaminhamento para digitalização e restauro digital, e possibilitando o acesso público a este acervo histórico. A partir da aquisição de uma mesa enroladeira, de insumos básicos, e da cessão pela Universidade de uma sala para abrigar as pesquisas, em agosto de 2025 foi oficialmente inaugurado o Lunar, que passou a funcionar sob coordenação do professor Pedro Vaz Perez, com o apoio de quatro monitores alunos do curso de Cinema e Audiovisual da PUC Minas, Arthur de Barros, Heitor Peifer, Laura Bretas e Taís Dias.

A equipe deu início ao estudo das técnicas de preservação e de princípios sobre catalogação e arquivística audiovisual, debruçando-se sobre trabalhos fundamentais como o *Manual de manuseio de películas cinematográficas: procedimentos utilizados na Cinemateca Brasileira* (Coelho, 2006) e o *Manual de catalogação de filmes da Cinemateca Brasileira* (Mattos, 2002), e a importante obra *Filosofia e princípios da arquivística audiovisual* (Edmondson, 2013). A partir destes estudos, e de capacitações realizadas com a equipe de preservação do MIS-BH, foram definidos os procedimentos operacionais padrões de trabalho para a revisão de catalogação dos filmes do acervo da PUC Minas.

Deste modo, diante do acervo audiovisual analógico da PUC Minas, o projeto aqui apresentado é mobilizado pela seguinte problematização: como preservar e dar acesso ao acervo de filmes universitários da PUC Minas?

³ Compreendemos que, no contexto arquivístico, o conceito de "descrição" é utilizado para se referir aos procedimentos aqui relatados que visam estruturar instrumentos formais para pesquisa dos itens do acervo. No entanto, buscando o alinhamento com as nomenclaturas mais utilizadas no ambiente da preservação audiovisual em todo o mundo, optamos neste texto por manter o termo "catalogação". Nota-se, por exemplo, que a principal instituição de guarda do país, a Cinemateca Brasileira, utiliza "catalogação" já no título do manual elaborado para a orientação de trabalhos como o que o Lunar desenvolve (Cinemateca Brasileira, 2002). Esta escolha, no *Manual de Catalogação* da entidade, por sua vez, se dá de forma alinhada com a nomenclatura utilizada pela Federação Internacional de Arquivos de Filmes (FIAF) no documento, publicado em inglês, intitulado *The FIAF Moving Image Cataloguing Manual*, publicado em 2016.



A formulação de um projeto de preservação deste material é decisiva para evitar que a memória de várias gerações de estudantes-realizadores, da Universidade, da história do cinema em Belo Horizonte e do Brasil, seja apagada. Assim, o projeto apresentado neste artigo se configura como uma prática investigativa que visa tanto um avanço no conhecimento – iluminando lacunas historiográficas sobre um período significativo da produção discente da Universidade e da cena cinematográfica e artística de Belo Horizonte – quanto tecnológico – ao buscar o desenvolvimento de técnicas e métodos para a operação com este material analógico.

2 O TRABALHO COM O ACERVO AUDIOVISUAL

A atuação do Lunar consiste em uma dupla perspectiva: por um lado, trabalhamos em uma dimensão técnica e prática junto às películas; por outro, desenvolvemos uma pesquisa historiográfica para construir contextos que ajudem a compreender a trajetória do acervo e das obras que o compõem. Foi feito, inicialmente, um levantamento e catalogação das unidades de filmes dispostas no acervo, com etiquetagem e definição de uma notação arquivística. Foram identificadas 188 unidades⁴, sendo 101 filmes em Super-8, 75 em 16 mm, e três em 35 mm, além de nove fitas magnéticas de som.

Cabe dizer que, ao longo das décadas, este acervo acabou acomodado em dois espaços diferentes: uma sala no andar inferior da Biblioteca PUC Minas, no *campus* Coração Eucarístico, e uma sala no Laboratório de Audiovisual da FCA PUC Minas, no mesmo *campus*. Entendemos que essa separação se deveu ao fato de que, em cada espaço, estão depositados filmes referentes a épocas diferentes da realização e exibição audiovisual da PUC Minas, como veremos mais detalhadamente à frente. Em cada um desses espaços, vestígios da produção audiovisual universitária em distintos momentos históricos.

Após este levantamento preliminar, foi elaborada uma planilha com notações criadas para este acervo e as informações colhidas neste exame inicial. Tendo a noção geral sobre o acervo, foi iniciada a revisão dos filmes em mesa enroladeira horizontal, buscando efetuar a limpeza do material com álcool isopropílico e tecido de algodão, e a identificação de possíveis danos materiais. A partir deste diagnóstico, vão sendo definidos os reparos necessários para cada material.

⁴ Como ainda não foi possível revisar todos os filmes, chamamos de “unidades” latas de filme e/ou rolos em carretéis, considerando que em muitos casos, uma mesma “unidade” pode conter mais de um filme, montados em um “rolão”. Dessa forma, o número de unidades não corresponde ao número de filmes disponíveis no acervo.

A mesa enroladeira horizontal é o equipamento mais adequado para a revisão manual dos filmes, uma vez que é fortemente recomendável que os filmes não sejam reproduzidos em projetores ou equipamentos com grifas antes de que o seu estado de conservação seja aferido, e os reparos necessários sejam realizados. A mesa possui controle manual da velocidade de rolagem por manivela, e dispõe de painel luminoso em sua superfície que permite (com o auxílio de lupa conta-fio) maior profundidade das informações coletadas sobre o material (Coelho, 2006).

Os filmes que compõem o acervo são constituídos por uma fina tira de acetato de celulose transparente coberto por uma camada de emulsão que contém cristais de prata sensíveis à luz. Este material possui alta fidelidade de reprodução quando projetado ou escaneado, mas sua conservação é bastante frágil. A película de acetato, ao longo do tempo, pode sofrer bastante com as variações de temperatura e umidade, e por isso, requer condições específicas e controladas para sua adequada preservação.

Quando isto não ocorre, este material fica suscetível a problemas como estes demonstrados no *Manual de manuseio de películas* da Cinemateca Brasileira (Coelho, 2006): síndrome do vinagre (deterioração química do acetato, que passa a liberar ácido acético, danifica o filme e produz odor característico); desplastificação ou cristalização do suporte de acetato (o que retira a flexibilidade do material e inviabiliza seu desenrolamento, manipulação e exibição); deterioração da emulsão que cobre o acetato (onde a imagem está depositada), formação de fungos e mofo em função da umidade excessiva na emulsão; encolhimento, ressecamento e abaulamento da película resultante da perda de umidade pelo acetato; desprendimento ou estriamento da emulsão em função da perda de umidade e do encolhimento do suporte; descoramento ou esmaecimento da imagem; entre outros. Além disso, outros danos são causados pelo fato de que boa parte dos filmes deste acervo estão guardados em latas de alumínio e enrolados em carretéis de exibição também de metal. A degradação da tinta destes materiais e a ação da ferrugem acabam agindo sobre a película, danificando-a ainda mais.

Por isso, além da limpeza e dos reparos, durante a revisão, o filme também é transferido para um batoque de plástico, suporte mais indicado para se enrolar um filme para guardá-lo. Um dos gargalos do projeto, até o momento, é o limitado número de batoques disponíveis para a revisão, fato que tem limitado o fôlego da equipe para empreender a revisão dos filmes. Por isso, a partir do levantamento inicial, foram definidos critérios de prioridade dos materiais a serem revisados, sendo o principal deles a identificação de filmes para os quais ainda não existam cópias digitalizadas e/ou cuja existência de outras cópias analógicas é desconhecida. Assim, buscamos



garantir ações emergenciais para filmes raros ou únicos, tentando salvar estas obras do desaparecimento.

Para cada filme revisado, é redigido um relatório técnico em uma ficha de revisão apropriada, desenvolvida a partir do modelo disponível no *Manual* da Cinemateca (Coelho, 2006). Nela, todos os dados identificados a partir da revisão são anotados, como: tipo de material e código para sua identificação; tipo de suporte e emulsão; metragem (aferida com régua especial); bitola; janela; defeitos e sinais de deterioração. Em seguida, é atribuído um grau técnico de preservação a cada material. Após as revisões, todos os dados são compilados em uma base de dados disponível na plataforma *on-line* Airtable, como forma de garantir acesso a pesquisadores, e a toda a sociedade, às informações produzidas nesta pesquisa contínua.

Neste processo, também são identificadas as informações disponíveis no material, como a presença ou não de cartelas de crédito com o nome de realizadores e entidades produtoras, indicações sobre a data da realização e os espaços utilizados como locação para as filmagens. A partir dessa análise material do filme, são conduzidas pesquisas documentais com fontes primárias, como jornais e revistas de época, documentos disponíveis em acervos como o Centro de Memória da PUC Minas, entrevistas com agentes que participaram dessas produções, e pesquisa bibliográfica em livros e artigos que contribuem para a construção de um contexto histórico mais preciso para melhor compreender as condições que levaram à realização destes filmes com as escolhas temáticas e estéticas que apresentam.

Esta atividade de pesquisa contribui para jogar luz sobre as lacunas historiográficas que hoje cercam estas produções, seguindo o exemplo metodológico de Jean-Claude Bernardet (2008) em *Historiografia clássica do cinema brasileiro*⁵. A partir desta estratégia metodológica com técnicas combinadas se faz possível identificar, preservar, dar acesso e reconstruir a história dos filmes universitários presentes no acervo da PUC Minas.

3 DETALHAMENTO DO ACERVO: Fundo Padre Massote

Uma parte deste acervo, depositado na Biblioteca PUC Minas, remonta à passagem de uma figura importante pela então Universidade Católica de Minas Gerais

⁵ Bernardet propõe, entre outros pontos, que as obras seminais da historiografia clássica do cinema no Brasil ignoraram lacunas no conhecimento e incorreram em certa redundância de objetos de pesquisa. Por isso, o autor defende uma nova proposta metodológica baseada em pesquisas documentais com fontes primárias, como arquivos, imprensa da época estudada, documentos, correspondências e outros vestígios documentais a partir dos quais seja possível construir contextos para a compreensão dos filmes, e seus agentes, como parte de processos históricos, ampliando e complexificando a compreensão da história do cinema no Brasil.

(UC-MG)⁶: o padre jesuíta Edeimar Pinto Massote S.J., principal idealizador da Escola Superior de Cinema (ESC), conhecido com o primeiro curso superior em Cinema do país, em 1962. A Escola durou até 1970, e por questões administrativas e políticas, discutidas por José Américo Ribeiro (1997), deu lugar ao Curso de Comunicação Social, com as habilitações em Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas. Na década seguinte, Massote ainda atuou no Centro de Audiovisual da universidade, uma espécie de prêmio de consolação a esta figura de saúde frágil e temperamento difícil (Cauhi, 2022).

Estes filmes encontrados na Biblioteca foram agrupados em um fundo intitulado "Padre Massote", pois nele encontramos a marca material de sua passagem pela instituição. Neste primeiro momento, nos propusemos a abrir as latas e catalogar o material. Alguns filmes já receberam uma revisão mais completa de seu estado de conservação – a falta de batoques e de estojos de plástico têm impedido um avanço maior neste sentido. As latas restantes foram todas abertas, desenrolamos as pontas dos filmes para ter uma visão geral de seu estado de conservação, e apuramos as cartelas de título ou algum outro dado que pudesse contribuir para identificar o material.

Este fundo é composto por 45 unidades, sendo 33 filmes em 16 mm, dois em 35 mm, um em Super-8 e nove fitas magnéticas. As 36 unidades com material audiovisual contemplam diferentes tipos de filmes. Um destaque são as cópias de exibição das obras dirigidas pelo próprio Massote. Dentre elas, encontra-se uma das descobertas mais relevantes da pesquisa até o momento, as duas cópias, uma em 16 mm e outra em 35 mm, do filme *Viagem de D. Pedro à Província de Minas em 1822*, realizado em 1973.

O filme, em cores, foi uma das diversas co-produções entre a UC-MG e o Instituto Nacional de Cinema (INC). Não encontramos relatos de cópias digitalizadas desta obra. No Centro Técnico Audiovisual (CTAv), há quatro cópias combinadas em 16 mm, uma delas em princípio de vinagre. Já na Cinemateca Brasileira, há indicação de matrizes de imagem e som em bitola 35 mm (negativo original de imagem e negativo de som) "disponíveis para possível processamento, a depender de confirmação após análises". No MIS-BH, existem dois rolos que reúnem o que parecem ser sobras de montagem do filme. E agora, vêm à luz as duas cópias do acervo PUC Minas, até então desconhecidas.

A cópia em 16 mm do acervo PUC Minas encontra-se em avançado estado de degradação, enquanto a cópia em 35 mm está em bom estado de conservação. A

⁶ A Universidade Católica de Minas Gerais, instituída em 1958, foi reconhecida como Pontifícia em 1983, ocasionando a mudança de nome.



revisão desta última indicou um descoramento, sendo perceptível a predominância da cor vermelha em todo o material. O filme também apresenta indício inicial de avinagramento, mas ainda sem comprometimento significativo do suporte.

A cópia aparenta estar completa, desde os créditos iniciais até o fim, e possui banda sonora em bom estado. O filme tem duração de 15 minutos (411 metros), e reconstitui a histórica viagem do Imperador para obter apoio dos mineiros, valendo-se de pinturas da época e representações da viagem filmadas ao longo da Estrada Real, mostrando detalhadamente os lugares por onde passou, as fazendas onde se hospedou e que se encontravam preservadas. *Viagem de D. Pedro* torna-se uma prioridade para nosso projeto, e agora vamos buscar condições para digitalização, possível restauro, e realizar uma pesquisa documental para conhecermos as informações em torno desta produção.

Da produção de Massote, também foram encontradas uma cópia em 16 mm de *Doença de Chagas* (1964), filme com uma cópia digitalizada⁷, *Festa no Serro* (1975), *Congados* (1976), obras que já receberam restauro pelo CTA v e estão disponíveis para visionamento online.

Ainda, encontramos uma lata que traz, no rótulo, o título “Irmãs Dorotéia”, filme realizado por Massote em 1966, até então considerado perdido. Nas buscas que fizemos na Cinemateca Brasileira, no CTA v e no MIS-BH não encontramos registros de cópia deste filme. Dentro da lata, no entanto, encontra-se outro filme, um institucional em 16 mm preto e branco, realizado no interior de Minas, em parceria com o governo do Estado, sem título ou créditos. Todas as latas do acervo já foram abertas, mas em nenhuma delas encontramos o referido filme. A equipe, agora, vem realizando pesquisas em acervos pessoais de figuras ligadas à Escola, em busca do filme perdido.

De acordo com informações colhidas em entrevista com Hélio Gagliardi⁸, montador e fotógrafo de Massote, *Irmãs Dorotéia* foi filmado pelo próprio Massote em viagem à Europa com as irmãs da congregação homônima. Como pagamento pelo projeto, as Dorotéias viabilizaram a compra, na Alemanha, das câmeras 16 mm Paillard Bolex com zoom, e a Arriflex 35 mm, que potencializaram a realização de filmes na Escola e em seu entorno, como permuta: a Escola emprestava a câmera e equipamentos com a condição de que alguns alunos atuassem como estagiários nas

⁷ A única cópia digitalizada que temos registro foi realizada por Eugênio Puppo, na Heco Filmes. Há, no entanto, indícios de que tenham existido diferentes montagens deste filme ao longo da década de 1960.

⁸ Entrevista realizada em 18 de junho de 2024, no estúdio do Laboratório de Audiovisual da PUC Minas, pelos pesquisadores Pedro Vaz Perez e Rodrigo Sampaio Cauhi.

equipes⁹. Estes fatos tornam este filme um ponto fundamental para a produção cinematográfica na cidade entre as décadas de 1960 e 1970.

Associados a outros fatores, a disponibilidade destes equipamentos e a abertura de Massote aos empréstimos a qualquer um que pedisse, deram ensejo ao que José Américo Ribeiro (1997) chamou de “Ciclo Mineiro de Curta-Metragem”. Em nosso acervo, restaram, infelizmente, poucos filmes remanescentes desta época, todos em cópias em 16 mm: *Rosae Rosa* (1968), de Rosa Antuña, em estado avançado de deterioração; *Ruptura*, de José Américo Ribeiro (1967), em bom estado de conservação, com exceção da ponta, já abaulada; *Anjo Torto* (1968), de José Américo Ribeiro, uma cópia bastante abaulada, avinagrada e com estriamento severo na emulsão; e *O caso do Peru* (1969), de Eduardo Ribeiro de Lacerda, em bom estado de conservação. Da mesma geração, o acervo contém uma cópia em 35 mm do filme *Veredas Mortas* (1971), de Victor Hugo de Almeida, em bom estado de conservação.

Estes filmes presentes no acervo apontam para uma produção mais ampla do período, mas ainda pouco exibida e estudada. A pesquisa permite, portanto, partir do acervo para pensar uma filmografia mineira universitária (da qual o acervo é apenas uma parte, uma sugestão de conjunto). José Américo Ribeiro (1997) aponta a existência de 50 filmes em curta-metragem produzidos em Belo Horizonte entre 1963 e 1969, em 16 mm¹⁰. Trata-se de uma nova geração de cineastas de Belo Horizonte, vinculados tanto à ESC quanto ao Centro de Estudos Cinematográficos (CEC-MG) que, à exemplo dos franceses e dos cinemanovistas no Brasil, passou da crítica e do cineclubismo à realização em meados da década de 1960. Destes 50 filmes, 29 foram dirigidos por alunos, ex-alunos ou professores da Escola, e outros vários foram realizados com equipamentos emprestados pela ESC em esquema de permuta.

Cabe destacar a existência, no acervo, de filmes institucionais realizados a partir de convênios entre a UC-MG e órgãos de Estado, como INC, Embrafilme, Ministério da Cultura, Departamento Nacional de Endemias Rurais, Projeto Rondon, Servas, entre outros. Ao lado dos filmes dirigidos por Massote – documentários de caráter educativo em co-produção com institutos e empresas estatais – a realização destes institucionais também aponta para uma produção universitária de filmes institucionais e educativos realizada tendo o Estado como principal financiador da atividade cinematográfica.

Para além dos filmes presentes em nosso acervo, pesquisa usando fontes bibliográficas, como o dicionário de curtas-metragens editado por Antônio Leão

⁹ A Arri foi emprestada a alguns *sets*, como o de *Os Marginais* (1968), de Carlos Alberto Prates Correia e Moisés Kendler, e *A Balada dos Infiéis* (1970), de Geraldo Santos Pereira. Filmes que receberam alunos da Escola como assistentes (RIBEIRO, 2007).

¹⁰ Dados sobre esta produção também se encontram refinados no artigo de Paulo Augusto Gomes (2001), no qual elenca os filmes produzidos por esta geração.



(2006), e o *Ensaio de Filmografia* de Márcio da Rocha Galdino (1983), já levantou o envolvimento de personagens ligados à ESC – como o ex-aluno José Américo Ribeiro, os ex-diretores, Hélio Marcio Gagliardi e José Tavares de Barros, e o próprio Massote – em pelo menos outras dez realizações viabilizadas entre a UFMG e o Estado. O que aponta para uma tendência na produção cinematográfica da época na cidade de Belo Horizonte, ainda pouquíssimo pesquisada.

Estas obras, com uma ou outra exceção, sempre fugiram aos gestos de se traçar uma história do cinema mineiro deste período, mais preocupados em traçar uma linha autoral desta produção, a partir dos filmes de ficção – a exemplo do que demonstrou Bernardet (2009) em *Cinema Brasileiro: Propostas para uma História*. E, no entanto, estes trabalhos representaram profissionalização dos professores e alunos envolvidos, e abriram espaço para o surgimento de produtoras e cooperativas ao longo das décadas seguintes, como o Grupo Novo de Cinema e a Cooperativa de Trabalho dos Profissionais de Cinema de Belo Horizonte (Imagem).

Por fim, o Fundo Padre Massote contém cópias em 16 mm de clássicos da história do cinema, como *Intolerância*, de D. W. Griffith (quatro rolos); *Em busca do ouro*, de Charles Chaplin (dois rolos), *Ladrões de Bicicleta*, de Vittorio de Sica (dois rolos); e *Canto da Saudade*, de Humberto Mauro (dois rolos). A maior parte destes filmes está em condições precárias de conservação, mas a existência deste conjunto aponta para os materiais que eram exibidos em sala de aula na Escola Superior de Cinema, e no curso de Comunicação Social da UC-MG.

4 DETALHAMENTO DO ACERVO: Fundo Paulo Pereira

Outra parte do acervo analógico da PUC Minas ficou guardada por décadas no Laboratório de Audiovisual da Faculdade de Comunicação e Artes (FCA), e esconde algumas preciosidades. São cerca de 250 obras organizadas em 143 unidades: 100 em Super-8, 42 em 16 mm e uma em 35 mm.

Em 1971, a UC-MG ofereceu vestibular para o novo curso de Comunicação Social, que viria a suplantiar a Escola Superior de Cinema, mas incorporando alguns dos professores em seu corpo docente. Assim, manteve-se acesa, mesmo que parcialmente, a vocação para o audiovisual no âmbito da cadeira de “Cinema”, para a qual diversas gerações de estudantes realizaram filmes em curta-metragem em suporte analógico. Pelos relatos colhidos com antigos alunos e professores, e por registros documentais, sabemos que boa parte destas obras foi exibida nos “Festivais de Curtíssima Metragem”, organizados semestralmente pelo professor Paulo Antônio Pereira, ex-aluno da ESC que se tornou professor da Escola, e que seguiu lecionando até 2008. Em homenagem à sua atuação na universidade, e sobretudo no esforço pela

preservação deste material audiovisual, este conjunto ganhou o nome de “Fundo Paulo Pereira”.

O professor contribuiu, ao longo das décadas, para a organização desta parte do acervo, e ainda produziu dois vídeos nos quais vemos rolar as fichas técnicas de 279 filmes produzidos entre 1973 e 1996. Estes documentos indicam a realização de 32 edições do famoso Festival. Levantamento inicial permite identificar rolos em Super-8 nos quais estão montados filmes de 18 das 32 edições realizadas do Festival. Os estojos indicam quantos filmes estão montados e quantos estão faltando, como um relatório de organização deste acervo feito por Paulo Pereira no fim de sua atividade acadêmica.

A análise destes rótulos, bem como a revisão dos filmes em mesa enroladeira, permitem anotar os seguintes dados: a) foram produzidos 279 filmes para os 32 Festivais; b) há indicação da existência de 132 filmes no acervo, representando 18 edições; c) faltam 32 filmes dessas 18 edições (totalizando, nestas 18 edições, 164 filmes dos 279, ou seja, 59%); há lacunas, portanto, de pelo menos nove edições do Festival, compostas por 115 filmes (41% dos 279 totais). Tanto a preservação adequada, quanto a história destes festivais, estão por ser traçadas.

José Américo Ribeiro, em seu livro de 1997 sobre o Cinema em Belo Horizonte, apresenta, com grande estima, a produção em 16 mm e 35 mm realizada no âmbito da Escola Superior de Cinema, à qual dá o nome de “ciclo mineiro de curta-metragem”. Após apresentar as razões para o fechamento da Escola, finaliza seu capítulo com o seguinte parágrafo:

Paulo Antônio Pereira [...] tentou, de alguma forma, manter aquela tradição da Escola Superior de Cinema, na produção de filmes. Mas os tempos eram outros. Passou, então, a trabalhar com filmes de Super 8, que foram exibidos em festivais internos, organizados pelos próprios alunos e projetados para toda a Universidade. No entanto, a força e a penetração dos filmes produzidos pela Escola de Cinema, na década de 60, haviam terminado (RIBEIRO, 1997, p. 196).

José Américo encerra seu esforço historiográfico justamente no ponto em que começa a ganhar fôlego esta produção superoitista. De fato, houve uma diferença no interesse e no nível de desenvolvimento técnico e estético entre alunos que frequentavam um curso de Cinema e aqueles que passavam a se formar em um curso de Comunicação Social. Mas, também é fato que a realização de quase três centenas de filmes universitários, em sua maioria em Super 8, não é um dado desprezível.



A popularização do Super-8 no Brasil se deu justamente ao longo da década de 1970, com grande circulação entre artistas e aspirantes a cineasta, devido a seu baixo custo, portabilidade, descentralização da revelação e processos simplificados de carregamento e filmagem. Este processo deu origem a uma vasta – e até recentemente pouco estudada – produção com marcas estéticas singulares, ao passo em que surgiram festivais de Super-8 em várias cidades do Brasil e da América Latina: “uma técnica junto com toda uma época” (Machado Jr, 2011, p. 30).

A partir da década de 1970, como demonstra Marina da Costa Campos (2020), foram criados festivais de Super-8 em várias cidades do Brasil, como São Paulo, Porto Alegre, Campinas, Penedo, Teresina além de cidades na Bahia, Paraíba e Pernambuco. O mesmo aconteceu em vários países latino-americanos. De modo que é possível afirmar que Paulo Pereira e seus alunos acabaram dialogando, em Belo Horizonte, com esse fértil contexto no qual o Super 8 se popularizava e se tornava ferramenta para o experimentalismo. A onda superoitista em BH passou pela produção universitária.

Pesquisa feita com os recortes de jornal da Hemeroteca do Centro de Estudos Cinematográficos de Minas Gerais (CEC-MG) reforça que quase 150 filmes haviam sido realizados em Super 8 até 1988, com as câmeras Canon 814 e 1014. Neste ano, a *Tribuna de Minas* noticiou a realização do 1º Festival de filmes 16 mm¹¹. No acervo, há indicação de filmes realizados em 16 mm até 1994. O retorno ao 16mm parece se justificar em função “dos problemas que o super-8 vem enfrentando”, como avaliava uma notícia sobre o 24º festival, alguns anos antes¹². Outra notícia, de 04 de outubro de 1988, publicada no *Diário do Comércio*, apontava como o principal entrave ao Super 8 no Brasil e na PUC Minas “a falta de cola para montagem”, que levava o formato à decadência¹³. A solução, afirmava o jornalista Marco Antônio Lage, teria sido retornar às câmeras de 16mm, “lindas e em perfeito estado”, guardadas por anos.

Estamos diante de um importante acervo que contempla uma pulsante produção superoitista e que ainda não foi pesquisado. Esta centena de filmes está em fase de revisão no âmbito do Lunar, para limpeza e catalogação minuciosa em base de dados, para que seja possível conhecer melhor o conjunto, viabilizando sua integral digitalização, bem como a adequada preservação das cópias analógicas, para que este acervo seja conhecido e melhor analisado. É possível afirmar que boa parte das cópias se encontra em bom estado de conservação, condição favorecida pelo espaço no qual

¹¹ Recorte sem indicações de data ou autoria. Disponível no acervo da Hemeroteca do CEC-MG sob a notação HEM 1281. Acesso a partir do link: <https://www.hemerotecacinema.org/>.

¹² Recorte sem indicações de data ou autoria. Disponível no acervo da Hemeroteca do CEC-MG sob a notação HEM 0602. Acesso a partir do link: <https://www.hemerotecacinema.org/>.

¹³ Recorte sem indicação de paginação. Disponível no acervo da Hemeroteca do CEC-MG sob a notação HEM 0927. Acesso a partir do link: <https://www.hemerotecacinema.org/>.

os filmes acabaram abrigados, ao contrário da pequena sala no subsolo da Biblioteca: uma antiga ilha de edição localizada no meio do segundo andar de um prédio de três andares (prédio 42 do *campus* Coração Eucarístico), local em que não há incidência de sol direto, com pouca variação de temperatura e de umidade. Ao mesmo tempo, cabe observar que quase metade desta produção não se encontra no acervo: pode estar perdida, ou guardada em acervos particulares. Há, neste sentido, longo caminho para pesquisa.

Deste conjunto, existem 47 filmes telecinados por Paulo Pereira antes de sua morte. São filmes que travam diálogo próximo com as diferentes tendências do cinema realizado no Brasil e com os diferentes momentos político-sociais pelos quais o país atravessou ao longo das décadas: filmes marginais, experimentais, realistas, políticos e populares, até um cinema narrativo, com acabamento estético mais refinado ao gosto do chamado “cinema da retomada”.

Outras fontes atribuíram a decadência do Super 8 ao desenvolvimento dos formatos eletrônicos. Mas, Paulo Pereira parecia disposto a manter viva a criação em película. Se, em 1988, retornou ao 16 mm, recusando o vídeo, na década de 2000 voltou a fomentar as filmagens, dessa vez em 35 mm, no curso de “pós-graduação *latu sensu* em Cinema que ofereceu entre 2001 e 2003, no Instituto de Educação Continuada (IEC) da PUC Minas.

De acordo com um informativo da universidade¹⁴, as três turmas realizaram um total de 11 filmes de curta-metragem. Houve um hiato de um ano sem oferta, e, em 2005, por fim, era anunciada a criação da quarta turma. Mas, neste retorno, Paulo Pereira era forçado a anunciar, no informativo, que os filmes passariam a ser feitos em “tecnologia digital”. Dos filmes em 35 mm, restou apenas um no acervo, em bom estado de conservação. Os demais, ainda precisam ser encontrados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, apresentamos os primeiros resultados e desdobramentos do projeto que busca a preservação do acervo analógico da PUC Minas, desenvolvido pelo Lunar. Trata-se de um projeto de pesquisa em fase inicial, se comparado a outras iniciativas no país, e com longa trajetória pela frente. Mas, em pouco tempo, o projeto já apresenta importantes frutos, após ter realizado a catalogação do acervo, de ter efetuado a revisão dos filmes considerados mais urgentes – mesmo em meio às dificuldades colocadas pela falta de alguns recursos básicos, como batoques e estojos

¹⁴ Recorte sem indicações de data ou autoria. Disponível no acervo da Hemeroteca do CEC-MG sob a notação DOC02413. Acesso a partir do link: <https://www.hemerotecacinema.org/>.



de plástico para substituir as antigas latas enferrujadas – e de ter publicado, na plataforma AirTable, as bases de dados que consolidam os resultados de pesquisa. Mas, a aquisição de novos insumos já está sendo viabilizada, e um planejamento estratégico para os próximos quatro anos desta pesquisa, no âmbito do INCT PreRes, já projeta a ampliação do número de mesas enroladeiras, a aquisição de um servidor exclusivo e a construção de uma reserva técnica com controle de temperatura e umidade. A concretização desta proposta permitirá que, num futuro próximo, outros acervos da cidade de Belo Horizonte, como filmes institucionais, curtas-metragens independentes e filmes de família, possam ser incorporados ao acervo PUC Minas. Hoje, estes outros acervos também agonizam com a falta de recursos e estrutura para sua adequada preservação.

Um plano para a digitalização progressiva do material já revisado em nosso acervo está sendo desenvolvido, para que o escaneamento possa ser feito junto a parceiros do INCT PreRes. Mesmo considerando a importância da preservação das películas, versões digitalizadas garantem o acesso público ao acervo. A partir dos filmes digitalizados do acervo, serão desenvolvidas curadorias para mostras de curtas-metragens, com o objetivo de apresentar à comunidade acadêmica e a interessados em geral partes da produção universitária de Belo Horizonte, que se confunde com a memória da própria cidade.

Um desdobramento promissor de nossa iniciativa é a criação da disciplina “Preservação Audiovisual” na nova Matriz Curricular do curso de Cinema e Audiovisual da PUC Minas, com implantação prevista para 2028/1. E, com ela, a curricularização do nosso Laboratório de Preservação, o Lunar, fazendo da Preservação uma política central no Projeto Pedagógico de Curso (PPC).

Por fim, resta dizer que o acervo analógico contemplado neste texto é apenas uma parcela do grande e fragmentado acervo audiovisual da PUC Minas. A partir da década de 1990, uma quantidade inestimável de produções no campo do Jornalismo, da Publicidade e Propaganda e das Relações Públicas foi realizada em formatos eletrônicos ou digitais (fitas PortaPak, U-Matic, Mini-DV, DVC PRO, fitas magnéticas de som). Outras centenas de programas produzidos pela antiga PUC TV estão arquivados, em fitas digitais, em um prédio da instituição. Há, portanto, todo um campo para se expandir o trabalho de Preservação Audiovisual.

E, desde 2014, com a refundação do curso de Cinema e Audiovisual na FCA, pelo menos duas centenas de filmes já foram realizadas, em formato digital, como trabalhos interdisciplinares e trabalhos de conclusão de curso (TCC). Estas obras, nato-digitais, também estão sendo catalogadas pelo Lunar em uma base de dados no Airtable, e

uma política para a preservação das matrizes digitais dos filmes realizados por alunos está sendo implementada no âmbito do curso.

O amplo e heterogêneo material, aqui apresentado, forma um grande e importante acervo audiovisual universitário. O projeto, portanto, demonstra potencial para se desdobrar em novas pesquisas no campo da preservação, além de reforçar o caráter indissociável, no meio universitário, do tripé ensino, pesquisa e extensão. Preservar os produtos audiovisuais contribui para conservar e dar acesso à memória audiovisual de todo um povo, estendendo à sociedade produtos e conhecimentos produzidos em âmbito universitário.

REFERÊNCIAS

- BERNARDET, Jean-Claude. **Cinema brasileiro**: propostas para uma história. São Paulo: Companhia de Bolso (edição de bolso) / Companhia das Letras, 2009.
- BERNARDET, Jean-Claude. **Historiografia clássica do Cinema Brasileiro**: metodologia e pedagogia. São Paulo: Annablume, 2008.
- CAMPOS, Marina da Costa. **Suspensões do tempo**: o superoitismo experimental no Brasil e no México na década de 1970. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2020.
- CAUHI, Rodrigo Sampaio. **Edeimar Massote**: elaborações sobre percursos possíveis. Trabalho de Conclusão de Curso. Belo Horizonte: PUC Minas, 2022. Disponível em: <https://bib.pucminas.br/pergamumweb/vinculos/00000a/00000ac5.pdf>
- CINEMATECA BRASILEIRA. **Manual de catalogação de filmes**. São Paulo: Cinemateca Brasileira, 2002.
- COELHO, Fernanda (Org). **Manual de manuseio de películas cinematográficas**: procedimentos utilizados na Cinemateca Brasileira. São Paulo: Imprensa Oficial; Cinemateca Brasileira, 2006.
- EDMONDSON, Ray. **Arquivística audiovisual**: filosofia e princípios. Tradução de Carlos Roberto Rodrigues de Souza. Brasília: UNESCO, 2017.
- GOMES, Paulo Augusto. "Os filmes que o CEC gerou". In: COUTINHO, Mário Alves; GOMES, Paulo Augusto. (Org). **Presença do CEC**: 50 anos de cinema em Belo Horizonte. Belo Horizonte: Crisálida, 2001, pp. 119-212.
- MACHADO JR., Rubens. "O inchaço do presente: experimentalismo super-8 nos anos 1970". **Filme Cultura**, n.54, 2011, p.28-32.
- NETO, Antônio Leão da Silva. **Dicionário de filmes brasileiros – curta e média metragem**. São Bernardo do Campo: Ed. do Autor, 2006.



GALDINO, Márcio da Rocha. **Minas Gerais - ensaio de filmografia**. Belo Horizonte: Prefeitura de Belo Horizonte, 1983.

RIBEIRO, José Américo. **O cinema em Belo Horizonte**: do cineclubismo à produção cinematográfica na década de 1960. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997.

Recebido em 30/01/2026

Aprovado em 12/08/2026



Licença de Atribuição BY do Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0>